

Sonívia.

*Dennis Radünz**

Isso não tem rosto, apenas evapora,
e quando relentar, repentinamente,
e o navio migrado incendiar no cais
e acabar no mofo o áspero pão sírio,
é revolver no lar a terra de desterro,
e beber à vida dos vivos e de corpos,
num copo de chuva na Rua do Fogo:
é fim, é fuga, e é o gole de água suja,
são as malas de mão, luz de neblina,
e o anjo da história fugido do futuro.

Esse cujo se encobre – como búzio –,
onde o alarme faz sigilo, casa a casa,
na Rua da Lapa, a surdina dilatada,
e adivinha, na sonívia, paus de arara
pela América do Sul e terras pardas,
e anoitece a Rua Aurora e desespera,
sem a esquiva de um salvo-conduto
que o acorde em Combú ou no Cabo
descampado de Polonio, um asilado,
ou no Acre, em Brasileia, o devoluto.

¹ Sonívia – Ruídos leves dos quais os áugures retiravam presságios.

In SPALDING, Tassilo Orpheu – Dicionário de Mitologia Latina. São Paulo: Cultrix, 1987. p.124.

* Mestre em Literatura (UFSC), poeta, escritor, editor e diretor da Editora Nave, em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

E-mail: dennisradunz@gmail.com



O cujo acolhe-se no chão, escondido
 entre embaúbas ou cipós e paus-de-
 -chuva, ao rés da Rua do Comércio,
 a mercancia, e esse ‘fugado’ alucina
 e, cego, corre solto ao Cerro Paranal
 no abrasivo do deserto – sem brasil –
 e o ‘protocolo de refúgio’ o anuncia,
 livre, no arquipélago de Ilhas Ellice
 (um corpo sem os órgãos, nebuloso),
 nas bandas baixas das Ilhas Villings.

Mas o anjo da história nunca alcança
 visto e acolhida, lugar no firmamento
 do Acre, Uruguai, Belém, Ameríndia,
 e tomba na calçada, ouvindo o escuro
 –entrada e saída de maré ao longo–
 e tudo não tem rosto, porque é sólido
 e desmancha, sem aviso de incêndio,
 e se acaba em rangido, o mundo vivo
 onde o nada nidifica, não tem fundo,
 vencido pelo vírus e ruído pelo lucro:

o marulho morno arrasta nadadeiras
 na neblina e a língua dura de caninos
 ameaça, com suas balas de borracha,
 o corpo delatado desse cujo, fugitivo:
 ele escuta o devir no revide da maré
 e um silêncio, *kîrîriri*, o cantar, *puraéi*,
 o uivar, *oguhu*, o bufar, *ovuha*, rugir,
okôrôro, e o raio no estrondo, *ara sunu*.
 Esses sons serão sua saúde, sua casa,
 e o poema acaba no vocábulo SAÍDA.

Fevereiro-Março de 2020.

Imagem. Rua Aurora, Centro Histórico de Paraty, Rio de Janeiro.



Foto de Dennis Radünz, Brasil – 23 de novembro de 2015

